

# Páscoa em casa

Páscoa passada com família húngara, impedido como tantos de ir a casa. Arrancamos de manhã para o vale mais poluído do país, cuja qualidade do ar lidera em permanência as mais sinistras tabelas. A cooperação sino-magiar também tem destas coisas, não é só carregamentos de vacinas e comboios para Belgrado. Entramos na casa dos tios e o ambiente familiar envolve-me de imediato, deve ser em boa parte devido aos bons aromas pascais que logo nos chegam da cozinha. Mas antes do ataque ao *sonka* prometido, devidamente acompanhado de ovo cozido, rábano e rabanete, sou arrastado à sala para obedientemente cumprir com instruções previamente dadas, a saber, a recitação de uma estrofe em húngaro antes de pulverizar as senhoras presentes com perfume de segunda categoria. Em segundos, transformo-me de digno quarentão em estrangeirinho amestrado (alegoria da existência!), capaz de decorar uns versos no impossível idioma húngaro. Vem-me à cabeça a personagem do tímido e enfezado Eusebiozinho da obra-prima queirosiana, a declamar com relutância „A noite de Londres”, para grande orgulho da titi. Ergo a voz e o pivete, e recito:

Erdon-mezon nyitott szemmel,  
sok virágra lel az ember.  
Én most oket megöntözöm,  
Piros tojást megköszönöm

Posso regá-la?

Quero logo depois elucidar os presentes sobre a conotação evidentemente sexual desta tradição. Afinal, estamos na Primavera (ainda que não pareça), e tudo à volta renasce, Cristo incluído. Não tenho nem húngaro nem coragem para dizer que neste país os homens passam a Páscoa a alegoricamente ejacular para cima das mulheres, e que estas retribuem sorridentemente com pálinka, ovos de chocolate, ovos que são os filhos que virão. Não vale a pena, acho que toda a gente

está perfeitamente consciente disto.

À mesa o pequeno B. é a alegria da família, e o meu ouvido atento concentra-se na sua elocução de jovem nativo. Brincamos, interagimos. Sempre busquei nas crianças algum auxílio no meu próprio processo de aprendizagem do húngaro. Têm um registo mais simples, simplificado, e os seus inevitáveis erros de certa forma me reconfortam, comprovando que não estou sozinho neste hercúleo trabalho. Ouço-lhe um *szépebb* em vez do correcto e irregular *szebb*. E sorrio com carinho e uma ponta de malícia.

Servem-me *pálinka*, claro. A primeira de várias. Após um mês de Março de voluntária secura, o primeiro copo sabe-me maravilhosamente. Sinto-me em casa. E sei que, mais tarde ou mais cedo, o bom do tio, de olhos humedecidos, recordará pela enésima vez o grande desastre aéreo de 2006, quando um avião da força aérea eslovaca se despenhou nas montanhas perto da sua aldeia natal, de regresso do Kosovo, vitimando 43 soldados. Preparo-me para reagir com comoção e logo a seguir com surpresa, quando ele me disser que ainda assim houve um único sobrevivente. Martin Farkas. Beberemos nessa altura uma segunda *pálinka*, na certeza pacificadora de que alguém um dia morreu para redenção dos nossos pecados.